

# O presbítero e a missão

de Stefano Raschiatti<sup>1</sup>

O tema da missão perpassa todo o Documento de Aparecida (DAp) como elemento fundante de conversão eclesial. É tratado especificamente no começo da terceira parte, no sétimo capítulo: “A missão dos discípulos a serviço da vida plena”. Aqui encontramos três aspectos essenciais: primeiro, o fundamento e a dinâmica da missão (“Viver e comunicar a vida nova em Cristo a nossos povos”); segundo, a necessidade de uma metanóia pessoal e estrutural para tornar-se sujeito da missão (“Conversão pastoral e renovação missionária das comunidades”); terceiro, a necessária extensão da ação missionária para o mundo inteiro (“Nosso compromisso com a missão *ad gentes*”).

Esse esquema, fundamento – conversão – extensão, tenta responder a um dos propósitos principais da V Conferência: “a Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DAp 11). Ao mesmo tempo, retoma com vigor um eixo vital de Puebla:

“A evangelização tem de calar fundo no coração do homem e dos povos. Por isso sua dinâmica procura a conversão pessoal e a transformação social. A evangelização há de estender-se a todos os povos; por isso sua dinâmica procura a universalidade do gênero humano. Ambos estes aspectos são de atualidade para evangelizar hoje e amanhã a América Latina” (Puebla 356).

Quando falamos de missão, devemos ter presente que existe uma tensão fecunda entre duas dimensões: profundidade e extensão. Profundidade: conhecimento e adesão sempre maior à proposta de Jesus, tanto por parte dos sujeitos (comunidade eclesial) como por parte dos destinatários da missão (pessoa, sociedade). Extensão: transbordar os limites, romper barreiras, sair do próprio quintal para ir ao encontro do pobre e do outro até aos confins da terra. Essas duas exigências não traçam um percurso linear (antes “profundidade” para que haja “extensão”), mas se implicam circularmente uma à outra, exatamente como o discipulado e a missão: quanto mais missão e extensão, tanto mais discipulado e adesão a Jesus, e vice-versa.

Tudo isso tem imediatamente a ver a mais profunda identidade do presbítero. De um lado pela especial adesão à pessoa de Jesus Cristo:

“O sacerdócio dos presbíteros, supondo, é certo, os sacramentos da iniciação cristã, é, todavia, conferido mediante um sacramento especial, em virtude do qual os presbíteros ficam assinalados com um caráter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo cabeça” (PO 2).

Por outro, pela necessária extensão de sua missão específica “até os confins da terra”:

“O dom espiritual, recebido pelos presbíteros na ordenação, não os prepara para uma missão limitada e determinada, mas sim para a missão imensa e universal da salvação, ‘até aos confins da terra’ (Act. 1, 8); de fato, todo o ministério sacerdotal participa da amplitude universal da missão confiada por Cristo aos Apóstolos. Com efeito, o sacerdócio de Cristo, de que os presbíteros se tornaram verdadeiramente participantes, dirige-se necessariamente a todos os povos e a todos os tempos, nem é coarctado por nenhuns limites de sangue, nação

---

<sup>1</sup> Stefano Raschiatti, sx, é missionário italiano há 20 anos no Brasil. É mestre em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP, assessor do Conselho Missionário Nacional da CNBB e Secretário Executivo do Centro Cultural Missionário – CCM de Brasília.

ou idade, como já é prefigurado misteriosamente na pessoa de Melquisedec (59). Lembrem-se, por isso, os presbíteros que devem tomar a peito a solicitude por todas as igrejas. Portanto, os presbíteros daquelas dioceses que têm maior abundância de vocações, mostrem-se de boa vontade preparados para, com licença ou a pedido do próprio Ordinário, exercer o seu ministério em regiões, missões ou obras que lutam com falta de clero” (PO 10).<sup>2</sup>

O nexó entre presbítero e missão (*ad gentes*) é tão estreito que quanto mais entendermos a missão em suas perspectivas fundamentais, tanto mais entenderemos melhor a identidade do presbítero, seu caminho discipular de conversão e sua missão ao mundo inteiro.

## **FUNDAMENTO: VIVER E COMUNICAR A VIDA NOVA EM CRISTO**

Com efeito, o que representa a missão para a vida da Igreja e de seus presbíteros?

Para tentar um caminho de compreensão o DAp retoma, logo de cara, como fundamento, *Ad Gentes* 2: “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai. Por isso, o *impulso missionário* é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos” (DAp 347).

A primeira novidade da declaração conciliar está na palavra “natureza” que quer dizer “essência”: a Igreja é missionária por sua “essência”. Essa essência é a própria essência de Deus, porque “este desígnio brota do «amor fontal», isto é, da caridade de Deus Pai” (AG 2). Em outras palavras, a missão vem de Deus porque Deus é amor, um amor que não se contém, que transborda, que se comunica, que sai de si já com a criação do mundo, e conseqüentemente ao pecado da humanidade, com a história da salvação para reintegrar as criaturas na vida plena do Reino. Esse transbordar histórico da Trindade Imanente foi chamado de Trindade histórico-salvífica que configura a missão de Deus (*missio Dei*). De alguma forma, o próprio Deus se auto-envia pela missão do Filho e do Espírito, através dos quais o próprio Pai se revela como amor (cf. Jo 14,9).<sup>3</sup> Em suma, Deus é missão: a missão existe com Deus, diz respeito ao que Deus é e não, primeiramente, ao que Deus faz. Por tabela, a missão da Igreja não teria, a princípio, um seu por que, não surgiria de uma necessidade histórica de sobrevivência ou de domínio, mas é um *impulso* gratuito, de dentro para fora, que teria como origem a participação à vida divina (cf. DAp 348).

A segunda palavra mágica é “missionária”. A Igreja é por sua natureza missionária. Isso constitui uma revolução no próprio conceito de Igreja, que procede da *missio Dei*. Não é mais a Igreja que envia missionários em qualidade de “missionante”, mas é ela própria enviada como “missionária”. Seu envio não é conseqüência: é essência. A Igreja “é” ao ser enviada: se edifica em ordem à missão. Não é a missão que procede da Igreja, mas é a Igreja que procede da missão de Deus. A missão é antes de tudo: eis a mudança de paradigma. A eclesiologia, portanto, não precede a missiologia.<sup>4</sup> A atividade missionária não é tanto uma ação da Igreja, mas é simplesmente a Igreja em ação. Ou como, diria Moltmann, “não é uma igreja que ‘tem’ uma missão, mas ao contrário, na missão de Cristo que se cria uma Igreja. Não é uma missão que deve ser compreendida a partir da

---

<sup>2</sup> É bom lembrar também as palavras da Oração Consagratória do Rito de Ordenação Presbiteral: “Seja ele zeloso cooperador de nossa ordem episcopal para que as palavras do Evangelho cheguem aos confins da terra e todas as nações, reunidas em Cristo, se tornem um só povo de Deus”.

<sup>3</sup> Veja SUESS, Paulo. *Missão como Caminho, Encontro, Partilha e Envio*. Perspectiva, Desafios e Projetos. In: *Igreja no Brasil, tua vida é missão*. I Congresso Missionário Nacional. Brasília: POM, 2003, pp. 54 – 55.

<sup>4</sup> Cf. BOSCH, *Missão transformadora*. Mudança de paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2002, p. 446.

Igreja, mas o contrário”.<sup>5</sup> Nisso se define a própria identidade da Igreja e também a própria identidade do presbítero.

Josef Ratzinger insiste que o verdadeiro elemento integrante da identidade sacerdotal reside na dimensão *missionária* que está na base do ministério presbiteral em suas três atuações fundamentais (profeta, sacerdote e pastor):

“Essa tarefa de ser enviados por Jesus exige do sujeito não só certa maneira de agir, mas também o toca no seu próprio ser. Ser padres e viver em estado de missão significa ser-enviados. Quer dizer que para o sacerdote o seu ser-para-um-outro tem uma importância constitutiva. Quem aceita uma missão não pertence mais a si mesmo. E isso por duas razões: ele é expropriado em favor daquele que ele representa, mas também em favor daqueles diante os quais ele o representa. Viver em estado de missão comporta uma laceração na própria existência. E também aqui em duas frentes. Precisa deixar o lugar a quem envia e não preocupar-se com a própria pessoa, deixando-a fora do jogo, não anunciar si próprios nem apropriar-se da palavra que se comunica, mas abrir o caminho e o espaço a outros, sempre disponíveis a diminuir porque os outros cresçam”.<sup>6</sup>

Ao participar da vida de Cristo o presbítero, como discípulo missionário, comunica a vida divina. Esse tema retorna como central em todo DAp. Aqui, particularmente, é apresentado como o fundamento da missão: “a grande novidade que a Igreja anuncia ao mundo é que Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, a Palavra e a Vida, veio ao mundo para nos fazer ‘participantes da natureza divina’ (2 Pd 1,4), para que participemos de sua própria vida” (DAp 348).

O que consiste esta vida divina? Em substância é a própria vida de Jesus, seu ministério de estar a serviço do Reino da vida, oferecendo a vida plena para todos: esse é o conteúdo fundamental da missão (cf. DAp 361). O Evangelho de Jesus é sua própria vida: traz a boa nova de um Deus Pai, humano, próximo a qualquer pessoa, libertador da opressão. O nome Jesus quer dizer “Deus salva”: “Ele é o único Libertador e Salvador que, com sua morte e ressurreição, rompeu as cadeias opressivas do pecado e da morte, revelando o amor misericordioso do Pai e a vocação, dignidade e destino da pessoa humana” (DAp 6).

Conseqüentemente, participar de Sua própria vida é tornar-se discípulo missionário. Isso “significa assumir a atitude de compaixão e cuidado do Pai, que se manifestam na ação libertadora de Jesus. ‘A Igreja defende os autênticos valores culturais de todos os povos, especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força avassaladora das estruturas de pecado manifestas na sociedade moderna’ (SD 243)” (DAp 532).

## **Um Deus humano**

Esses fundamentos estão repletos de implicações na compreensão dos principais mistérios da fé. Compreender a missão não como atividade, território ou necessidade histórica, mas como essência gratuita de Deus Amor e da Igreja peregrina, significa para o presbítero adoção de uma prática jesuana de proximidade aos outros e aos pobres, para comunicar vida em termos de humanidade, compaixão, gratuidade, fraternidade sem fronteiras como caminho de salvação. “Fora do dom da

---

<sup>5</sup> MOLTSMANN, J. *La Iglesia em la fuerza del Espíritu*. Salamanca, 1978, p. 26.

<sup>6</sup> RATZINGER, J. *Zur Frage nach dem Sinn des priesterlichen Dienstes*, in GuL 41 (1968) 357.

vida (acolhido e oferecido) e da fraternidade não há salvação”, diria o próprio DAp com outras palavras (cf. DAp 359 – 360).<sup>7</sup>

A essência missionária da Igreja e da identidade do presbítero diz respeito também à essência do Evangelho que vão anunciar. Com essa palavra “evangelho” os autores do Novo Testamento quiseram transmitir, de maneiras muito diferentes entre eles, o anúncio fundamental de Jesus. Esse anúncio pode-se resumir no seguinte: Deus é Pai, nós somos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs “de sangue”<sup>8</sup> entre nós. Ponto. O Evangelho está todo aqui. Isso não é apenas uma noção, mas é algo de vivido por Jesus efetivamente numa prática de vida, e afetivamente numa relação intensamente carinhosa com Deus e com os irmãos: “Ele nos ensinou a orar dizendo ‘Abba’” (DAp 17). “Abba” quer dizer com ternura: “papaizinho”.

Essa Boa Nova anuncia uma visão completamente nova de Deus. Jesus “Sacerdote” (cf. Hb 5,5-6) nos apresenta um Deus que não pede sacrifícios: ele se sacrifica por nós. Não pede oferendas: ele oferece a própria vida. Não tira o pão da boca dos pobres: ele se torna pão para saciar multidões. Deus revela em Jesus seu rosto profundamente humano e, nEle, a humanidade se encontra plena, reunida numa só família.

“Acolhemos com muita alegria essa boa notícia. Deus amor é Pai de todos os homens e mulheres de todos os povos e raças. Jesus Cristo é o Reino de Deus que procura demonstrar toda a sua força transformadora em nossa Igreja e em nossas sociedades. NEle, Deus nos escolheu para que sejamos seus filhos com a mesma origem e destino, com a mesma dignidade, com os mesmos direitos e deveres vividos no mandamento supremo do amor” (DAp 382).

A vida de Jesus aponta continuamente para essa perspectiva. A sua é uma maneira de encarar a realidade baseada numa peculiar experiência de Deus, uma *ética* que se fundamenta numa *ótica*: se acreditar que Deus é verdadeiramente Pai de todos, então os outros são meus irmãos. Todos os outros, ninguém excluído (cf. DAp 353).<sup>9</sup>

Por isso, então, que a prática missionária de Jesus é uma contínua aproximação aos pobres e aos outros para libertá-los das amarras da opressão da Lei, do preconceito, da exclusão, do domínio, e oferecer-lhes uma vida melhor: isso acontece com paralíticos (cf. Jo 5,1-18), cegos (cf. Jo 9,1-34), leprosos (cf. Lc 17,11-19), endemoniados (cf. Mc 5,1-20); mulheres prostitutas, impuras, adúlteras, pagãs (cf. Lc 7,36-50; 8,43-48; Jo 8,1-11; Mc 7,24-30), cobradores de impostos (cf. Lc 19,1-10), fariseus (cf. Jo 3,1-15) e romanos opressores (cf. Mt 8,5-13).

---

<sup>7</sup> Em DAp 359 encontramos “uma profunda lei da realidade: a vida se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa”. Em DAp 360, “outra lei profunda da realidade: que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar a vida aos outros”. E conclui: “isso é, definitivamente, a missão”.

<sup>8</sup> A expressão “de sangue” nos remete a uma anedota de Dom Hélder Câmara, contada por ele mesmo numa entrevista que encontramos no filme de Érica Bauer, “Dom Helder - O Santo Rebelde”. Certa vez, o arcebispo de Recife teve que interceder junto a um lojista pedindo emprego para um “seu irmão”, um pobre pai de família. O lojista, depois de atender com muita solicitude ao pedido o bispo, percebeu logo de ter sido “enganado”. “O senhor me enrolou”, disse o empresário para Dom Hélder, “o homem não é seu irmão coisa nenhuma”. “Mas como ...”, respondeu o prelado: “filhos do mesmo Pai, não são irmãos?”. O homem retrucou: “Sim, eu sei o que o senhor quer dizer com isso: mas eu tinha entendido que eram irmãos de sangue”. “Pois é”, insistiu Dom Hélder, “o sangue que Cristo derramou para mim, derramou para ele também: então, somos irmãos de sangue”.

<sup>9</sup> Cf. CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003 – 2006*, 114 – 120

Se quiser encontrar Jesus, é preciso ir à Galiléia.<sup>10</sup> Lá está ele, “pregando a Boa Nova do Reino e curando todo tipo de doença” (Mt 4,23). Para seus familiares Jesus é um louco (cf. Mc 3,21), para as autoridades um possuído pelo demônio (cf. Jo 10,20), para a sua geração “*um comilão e beberrão, amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores*” (Mt 11,19). Muitos dos seus discípulos o abandonam (cf. Jo 6,66). Até João Batista tem lá suas dúvidas (cf. Mt 11,3).

“*E vocês, quem dizem que eu sou?*” (Mt 16,15). Eis a questão fundamental. Com efeito, quem ainda teima em seguir Jesus não consegue entender muita coisa dele (cf. Mt 16,15-23). “*Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel*” (Lc 24,21) lamentam no final os dois discípulos de Emaús. O Messias esperado era outro. Israel aguardava a vinda do *Filho de Davi*, um Messias libertador como Davi: poderoso, triunfador e ... sanguinário (cf. 1Cr 22,8). No entanto, aparece um *Filho do homem* que realiza, com sua humanidade, sua compaixão e contra todo poder e domínio, as promessas de Deus<sup>11</sup>: ele não é o Messias que proclama “o dia da vingança do nosso Deus” (Is 61,2). Ele apenas anuncia um Deus Amor, Pai de *todos*, não apenas de Israel, mas também dos estrangeiros e dos inimigos. Por este exato motivo Jesus é jurado de morte desde Nazaré.<sup>12</sup> Da mesma forma, Paulo será preso e condenado em seu retorno a Jerusalém, não por causa de seu encontro com Jesus no caminho de Damasco, mas por causa de sua missão aos pagãos (cf. At 22,1-22).

## Uma vida plena

O desconcerto causado por Jesus, pela humanidade universal do Deus que ele anuncia, acompanha a sua Igreja e seus presbíteros até os dias de hoje. Estamos sempre a caminho como discípulos missionários, em qualidade de presbíteros, tentando entender o mistério dEle, aderindo à sua mesma missão. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida que continuamente surpreende e desafia nossas direções, nossas convicções e nossas pretensões.

Não é por acaso que a figura de Jesus nunca foi aceita tranquilamente em nenhuma sociedade no Ocidente ou no Oriente, em tempos antigos ou modernos:<sup>13</sup> sempre trouxe rupturas, uma lógica de valores e prioridades profundamente em conflito com as estruturas de poder das culturas e das sociedades. O anúncio de um Deus transgressivamente humano indigna homens da Lei e poderosos (cf. Jo 9,13-33). Com efeito, Jesus se desdobra em dar instruções aos discípulos de como agir diante

---

<sup>10</sup> O lugar é muito importante para entender a figura de Jesus, como também a missão dos discípulos. A escolha de um lugar marginal, no meio de um povo pobre e humilhado, fala por si só. Cf. COMBLIN, José. *O caminho*. Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004, p. 24-25.

<sup>11</sup> Uma das principais definições que Jesus dá a si mesmo é *Filho do homem*. Esse título se encontra sempre na boca de Jesus, atribuído a si próprio (com exceção de Jo 12,34, como resposta da multidão). A expressão se refere ao Livro de Daniel (Dn 7,1-14) onde se descreve um sonho no qual o profeta vê a sucessão de quatro impérios representados por quatro feras, símbolos de crueldade e de desumanidade. Nenhuma dessas quatro feras contribui a melhorar a vida da humanidade. Pelo contrário, como máquinas mortíferas que esmagam e destroem a vida, impõem um poder opressor de domínio e de morte. De repente aparece “alguém como um filho de homem”: no meio de tantas feras gigantescas e brutais, um homem. “*Foi-lhe dado poder, glória e reino, e todos os povos, nações e línguas o servirão. O seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será tirado. E o seu reino é tal que jamais será destruído*” (Dn 7,14). Os evangelistas identificam esse *Filho do Homem* com Jesus. Ele é anúncio vivo de um Deus que destrói, com sua profunda humanidade, os mega-poderes desumanos que oprimem os povos. Ele é o triunfo do humano sobre o desumano, e por conseqüência, a possibilidade para a humanidade de avançar no caminho de sua maturidade e de sua plenitude. Com isso Jesus é visto como *Homem* por excelência e modelo para toda a humanidade.

<sup>12</sup> O sentido de Lc 4,16-30 é exatamente este. Jesus, depois de ter lido o trecho Is 61,1-2, faz um comentário lembrando de Elias que foi enviado não às viúvas necessitadas do seu povo mas a uma na Sidônia, e Eliseu que curou um leproso estrangeiro e não os muitos que havia naquele tempo em Israel. A omissão estratégica do “dia da vingança” desencadeou a reação violenta dos nazarenos. Cf. BOSCH, David Jacob. *Missão transformadora*. Mudança de paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2002, p. 157-163.

<sup>13</sup> Cf. BOSCH, p. 544.

das perseguições inevitáveis, pois Ele não veio a trazer a paz (cf. Mt 10,34). Se o Evangelho é uma Boa Nova libertadora para os pobres e os humildes, ao mesmo tempo, é uma notícia terrível e ameaçadora para os ricos e os poderosos (cf. Lc 1,52-53).

Seja como for, o Deus de Jesus quer que todos sejam felizes. E Ele também fica cada vez mais feliz na medida em que as pessoas vivem bem:

“A vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e de aprender, a alegria de servir a quem necessita de nós, o contato com a natureza, o entusiasmo dos projetos comunitários, o prazer de uma sexualidade vivida segundo o Evangelho, e todas as coisas com as quais o Pai nos presenteia como sinais de seu sincero amor. Podemos encontrar o Senhor em meio às alegrias de nossa limitada existência e, dessa forma, brota uma gratidão sincera” (DAp 356).

A única coisa que nos pede (porque é a única que humaniza plenamente) é aquela de viver como filhos do Pai e como irmãos entre nós. A nossa fé não constitui uma moral, um rito: funda e se realiza num humanismo. Amar o humano em todas as suas manifestações e limitações: isto é divino e isto é exigido aos discípulos missionários.

“A missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho” (DAp 380).

O Evangelho não indica as condições para salvar a própria alma: indica como viver plenamente, humanamente na base do amor gratuito. Ele é recompensa para si próprio.

A vida plena só se encontra na vivência de um amor radical, gratuito e universal, segundo o espírito das Bem-aventuras (cf. DAp 139), na proximidade e no serviço aos pobres e aos outros. Desta maneira o discípulo se torna “irmão” de todos. Para o presbítero, a dimensão da fraternidade é fundamental: “os presbíteros, tirados dentre os homens e constituídos a favor dos homens nas coisas que se referem a Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados (16), convivem com os restantes homens como irmãos” (PO 3).

Essa fraternidade evangélica constitui também o âmbito necessário para o celibato voluntário dos discípulos missionários. A escolha celibatária não é um virtuosismo finalizado a uma perfeição individual ou a uma atividade apostólica. Faz parte da radicalidade vivida por Jesus proposta aos discípulos: deixar casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos ... (cf. Mt 19,29). Essa radicalidade conflui numa comunhão de vida com Ele e com uma pequena comunidade de irmãos: “Jesus faz dos discípulos seus familiares, porque compartilha com eles a mesma vida que procede do Pai e lhes pede, como discípulos, uma união íntima com Ele, obediência à Palavra do Pai, para produzirem frutos de amor em abundância”. (DA 133) Por isso que a *Christus Dominus* 30 recomenda insistentemente a vida em comum dos sacerdotes.

A palavra “irmão” é tão importante no Evangelho que se torna praticamente um sinônimo de discípulo. *Fazer discípulos* na missão (cf. Mt 28,19), portanto, quer dizer *fazer irmãos*. A comunhão de vida estabelecida mediante relações fraternas constitui a origem, o caminho e a meta da missão: “descobrimos, dessa forma, uma profunda lei da realidade: a vida só se desenvolve plenamente na comunhão fraterna e justa” (DAp 359).

### **Uma missão que comunica vida**

A partir daqui entendemos por que uma vida plena segundo o Evangelho é uma vida que se torna dom. A vida de Jesus foi um dom: “tomai e comei, isto é o meu corpo”. Nós fazemos

eucaristicamente memória desse dom quando nos entregamos inteiramente à doação, até coincidir rigorosamente com o Dom recebido.

Aplicado à vida do presbítero, isso tem um significado todo especial:

“A auto-doação de Cristo, que tem a sua fonte na vida trinitária do Deus-Amor, atinge a sua expressão mais alta no sacrifício da Cruz, cuja antecipação sacramental é a Última Ceia. Não é possível repetir as palavras da consagração sem *sentir-se implicado neste movimento espiritual*. Em certo sentido, o sacerdote deve aprender a dizer, com verdade e generosidade, também de si próprio: ‘tomai e comei’. De fato, a sua vida tem sentido, se ele souber fazer-se dom, colocando-se à disposição da comunidade e ao serviço de qualquer pessoa que passe necessidade”.<sup>14</sup>

A referência maior é o Mestre e Senhor que lava os pés (Jo 13,1-17) e que recomenda: “você devem fazer a mesma coisa que eu fiz” (Jo 13,15). Ou, em outras palavras: “faça isto em memória de mim”:

“A Eucaristia é o centro vital do universo, capaz de saciar a fome de vida e felicidade: ‘Aquele que se alimenta de mim, viverá por mim’ (Jo 6,57). Nesse banquete feliz participamos da vida eterna e, assim, nossa existência cotidiana se converte em Missa prolongada” (DAp 354).

Missa e Missão têm a mesma raiz latina no verbo “mittere”, “enviar”. Mesmo se a antiga mensagem final da celebração eucarística não há de ser interpretada como envio missionário<sup>15</sup>, as duas realidades naturalmente se implicam, porque explicitam essencialmente uma mesma vida que gratuitamente se doa e, desta maneira, se torna plena. O DAp dedica a esse enfoque uma das passagens mais bonitas, onde define o que é missão:

“A vida se acrescenta dando-a, e se enfraquece no isolamento e na comodidade. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam da margem a segurança e se apaixonam pela missão de comunicar vida aos demais. O Evangelho nos ajuda a descobrir que o cuidado enfermizo da própria vida depõe contra a qualidade humana e cristã dessa mesma vida. Vive-se muito melhor quando temos liberdade interior para doá-la: ‘Quem aprecia sua vida terrena, a perderá’ (Jo 12,25). Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: ‘Que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros’. Isso é, definitivamente, a missão” (DAp 360).

Vida não é para ser retida: é para ser doada. A frase de Jo 10,10, “eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância”, largamente utilizada em nossas pastorais sociais, tornou-se não raramente um chavão equivocado. Quantas vezes os presbíteros se entregaram para que os pobres tivessem “vida em abundância”. Mas a conquista dessa vida, em termo de moradia, terra, trabalho, educação, saúde, etc., muitas vezes foi recebida como vida para si sem partilha, sem missão, sem dom para os outros. Quantas lideranças abandonaram as lutas sociais uma vez alcançados seus próprios objetivos. Sem dúvida a missão cristã beneficia gratuitamente muita gente, mas deixa de *fazer discípulos missionários* (cf. Mt 28,19) quando não consegue envolver seus destinatários na lógica do dom, não fazendo com que eles participem da própria vida de Deus (cf. DAp 348).

Esse discernimento é cruel para a missão, mas necessário: se for verdade que “a evangelização vai sempre unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã” (DAp 26), é também

---

<sup>14</sup> JOÃO PAULO II. Carta aos Presbíteros por ocasião da quinta feira santa de 2005. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/letters/2005/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_20050313\\_priests-holy-thursday\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2005/documents/hf_jp-ii_let_20050313_priests-holy-thursday_po.html). Acesso em 5 fev. 2008.

<sup>15</sup> A celebração eucarística encerrava-se com a despedida do sacerdote: “*ite, missa est*”, “ide, a [oração] foi enviada [a Deus]”. Daqui o nome de “Missa”.

verdade que o divisor das águas entre promoção humana e discipulado missionário é exatamente o dom da vida não só recebido mas também oferecido. Estamos realmente evangelizando? Estamos ajudando nossos interlocutores a tornarem-se protagonistas da missão e não apenas destinatários? Estamos saindo da planície para escalar com eles o topo da montanha da Galiléia<sup>16</sup>, para ser enviados aos outros?

É preciso ter muito claro que o objetivo último da missão não é *fazer obras* (filantrópicas) e sim *fazer discípulos missionários*, praticantes da Palavra, participantes da vida divina. Isso faz a vida fluir: uma vida doada para outra vida, para que esta se torne por sua vez um dom. A Igreja na América Latina procura encontrar esse sentido da missão quando afirma que é preciso “aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter cada cristão em discípulo missionário” (DAp 362).

## **CONVERSÃO: RENOVAÇÃO MISSIONÁRIA DAS COMUNIDADES E DE SEUS PRESBÍTEROS**

A missão de comunicar vida é a razão de ser da Igreja (cf. DAp 373) e conseqüentemente de seus presbíteros. Por isso ela é chamada a desinstalar-se: “a Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente” (DAp 362).

Se “missão” significa “envio”, todo envio pressupõe um deslocamento e uma saída: “nós somos agora, na América Latina e no Caribe, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de *sair de nossa consciência isolada* e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (parrésia), à missão de toda a Igreja” (DAp 363). A conversão missionária da qual fala o DAp em uma de suas páginas centrais (cf. 7.2 *Conversão pastoral e renovação missionária das comunidades*) trata-se substancialmente de uma *saída*. Na saída de si, do círculo da própria comunidade e dos confins da própria terra, se realiza para a Igreja essa conversão. Paradoxalmente, é nessa saída que a Igreja encontra sua razão de ser e sua própria identidade.

### **“Temos que ser de novo evangelizados” (DAp 549)**

O tema da conversão, antes de ser dirigido aos destinatários da missão, é apontado pelo DAp como exigência fundamental para a própria Igreja. Com o mesmo espírito do Vaticano II, Aparecida analisa que, na atual conjuntura de grandes mudanças, “sentimo-nos desafiados a discernir os ‘sinais dos tempos’” (DAp 33) e “a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral” (DAp 366). Na mudança global a Igreja precisa mudar também, mas não apenas pastoralmente “seu jeito de ser”<sup>17</sup>: ela precisa ser evangelizada de novo para converter-se numa Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora (cf. DAp 549). Conversão é um convite para Igreja e não, primeiramente, para o mundo.

São expressões fortes que encontram ressonância nas palavras de Bento XVI:

---

<sup>16</sup> A montanha das Bem-aventuranças (cf. Mt 5 – 7) e a do Grande Mandato (cf. Mt 28,16-20) Num primeiro momento, aqui é proclamada a cartilha do discípulo de Jesus, o que significa *ser* discípulo de Jesus: o conteúdo da missão. Num segundo momento, no final do Evangelho, nessa mesma montanha, o Ressuscitado envia seus discípulos a *fazer discípulos* em todas as nações: o objetivo da missão.

<sup>17</sup> A pastoral muitas vezes é vista, no esquema clássico dedutivo, apenas como a aplicação prática do *depositum fidei*. No entanto a missão proporciona um encontro com os pobres e com os outros que informa e transforma profundamente nossa interpretação do Evangelho. A missão, na saída de si, converte profundamente a Igreja, não muda apenas suas linguagens e estratégias “para procurar êxitos pastorais” (DA 372).

“Recomeçar a partir de Cristo em todos os âmbitos da missão. Redescobrir em Jesus o amor e a salvação que o Pai nos dá, pelo Espírito Santo (...) A fé é uma caminhada conduzida pelo Espírito Santo que se resume em duas palavras: conversão e seguimento. Essas duas palavras-chave da tradição cristã indicam com clareza, que a fé em Cristo implica uma práxis de vida baseada no duplice mandamento do amor, a Deus e ao próximo, e exprimem também a dimensão social da vida cristã” (*Bento XVI*, Encontro e celebração das vésperas com os Bispos do Brasil, em 11 de maio de 2007).

O conteúdo dessa conversão consiste no surpreendente e profundo re-encantamento com a essência do Evangelho, um Evangelho assumido e vivido não como doutrina, mas como “práxis de vida baseada no duplice mandamento do amor”. As palavras do Papa indicam um caminho a seguir, aparentemente quase óbvio: “não temos de dar nada como pressuposto e descontado, todos os batizados são chamados a ‘recomeçar a partir de Cristo’” (DAP 549).

O motivo da conversão missionária não é novo. Já a *Redemptoris Missio* declarava que:

A ação evangelizadora da comunidade cristã, primeiramente no próprio território e depois, mais além, como participação na missão universal, é o sinal mais claro da maturidade da fé. Impõe-se uma conversão radical da mentalidade para nos tornarmos missionários — e isto vale tanto para os indivíduos como para as comunidades (RMi 49).

Relacionar essas afirmações com a seguinte passagem do Decreto *Ad Gentes*, pode ressoar um tanto intrigante e desafiador: “a graça da renovação não pode crescer nas comunidades, a não ser que cada uma dilate o campo da sua caridade até aos confins da terra e tenha igual solicitude pelos que são de longe como pelos que são seus próprios membros” (AG 37). O Vaticano II aponta decididamente para a dimensão universal da missão como fator determinante para uma verdadeira conversão entendida como *saída de si*.

Em que medida isso faz sentido para a realidade latino-americana? A saída de si tem como horizonte os confins da terra. É sempre um andar “extrovertido” além de todas as fronteiras. Essa universalidade não significa “tarefa específica”, mas diz respeito à própria essência e à dinâmica da missão. Se nossa missão fosse geográfica, cultural, étnica, socialmente ou eclesialmente limitada e se dirigisse somente a uma pequena clientela de “eleitos”, ela se tornaria excludente. João Paulo II em sua encíclica missionária afirma: “Sem a missão *ad gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e do seu exemplo de atuação” (RM 34).

No entanto, o DAP menciona a falta de espírito missionário em membros do clero e falta de solidariedade na comunhão dos bens no interior das Igrejas locais e entre elas, como sombras na caminhada eclesial latino-americana (cf. DAP 100e). O número de missionários e missionárias além-fronteiras do continente para o mundo é bastante exíguo. A passagem do *receber* dons de outras igrejas ao *dar* com gratidão é marcada por fortes resistências, muitas delas de caráter histórico e cultural. Contudo, o motivo principal de uma certa introspeção parece a urgente preocupação com a missão *ad intra*, apesar de alguns documentos convidarem a superar também essa dificuldade.<sup>18</sup>

De que maneira podemos suscitar em nossos presbíteros e em nossas comunidades uma abertura verdadeiramente missionária sem uma perspectiva genuinamente *ad extra*, sem fronteiras, católica, atenta e sensível ao mundo todo? Sem esse respiro, corremos o risco de cairmos “na armadilha de

---

<sup>18</sup> “Uma Igreja local não pode esperar atingir a plena maturidade eclesial e, só então, começar a preocupar-se com a missão para além de seu território. A maturidade eclesial é consequência e não apenas condição de abertura missionária. Estaria condenando-se à esterilidade a Igreja que deixasse atrofiado seu espírito missionário, sob a alegação de que ainda não foram plenamente atendidas todas as necessidades locais” (CNBB. *Igreja: comunhão e missão*, 119).

fechar-nos em nós mesmos” (Dap 376), numa dinâmica centrípeta e, afinal, egocêntrica, traindo a missão e o espírito do próprio Evangelho.

### Como “peregrinos a caminho” (Dap 553)

O episódio de Jesus em Nazaré (cf. Lc 4,16-30; Mc 6,1-6) parece confirmar o ditado popular: “santo de casa não faz milagre”. A missão, por definição, não pode ser feita em casa e nem a partir de casa. Mas ainda hoje, apesar de nossos esforços, somos tentados compreender a missão a partir de nós, a partir da Igreja e não a partir de Deus que envia e se auto-envia. A missão consiste no seguinte: não podemos esperar que as pessoas venham a nós, precisamos nós ir ao encontro delas e anunciar-lhes a Boa Nova ali mesmo onde se encontram. Esse princípio parece quase óbvio. No entanto, na prática, a Igreja sempre teve a tentação de evangelizar os povos a partir de sua própria condição, permanecendo em seu lugar, a partir de sua própria cultura, enviando e delegando seus missionários, mas sem se envolver num movimento de saída e de inserção nas situações que desejavam evangelizar.

Nesse sentido, metáforas usadas pelo Dap em descrever a Igreja e sua missão, pode levar a algum equívoco. Por exemplo, a freqüente imagem da Igreja como “casa e escola”<sup>19</sup>, assim como o verbo “acolher” que a acompanha, expressam uma dinâmica missionária só por analogia. Missionário não é, em si, aquele que acolhe, mas é *o acolhido* por antonomásia. Missão é um termo que desde o Vaticano II serve um pouco para descrever toda ação da Igreja. No entanto, não podemos perder de vista o que *especificamente* se entende com isso, pena esvaziar o seu sentido.

Uma Igreja enviada é uma Igreja que está fora de casa, que faz a experiência radical do seguimento, do despojamento e da itinerância, como companheira dos pobres (cf. Dap 398) e como hóspede na casa dos outros. O discípulo, em particular o discípulo presbítero, é essencialmente um peregrino e um enviado que deixou casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos, campos, por causa de Jesus. Esse Jesus disse: “Eu sou o Caminho” (Jo 14,6) e não: “Eu sou a chegada”. Jesus inverte a perspectiva de Tomé, que queria conhecer o caminho a partir do ponto de chegada: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?” (Jo 14,5). Esta identificação de Jesus com o caminho foi algo de marcante para os primeiros cristãos. Eles se autodenominavam de “pertencentes ao Caminho” (At 9,2).<sup>20</sup>

A palavra “caminho” comparece mais de cem vezes no Dap. Isso a indicar que o caminho não afasta a Igreja da sua origem ou das suas raízes. Pelo contrário. É um encontro com suas raízes em Jesus, “o Deus de rosto humano”. Ao mesmo tempo, os discípulos de Jesus não são árvores. Eles têm uma relação diferente com o chão da história. Eles “vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (1Pd 1,1) mas são “concidadãos do povo de Deus e membros da família de Deus” (Ef 2,19). Seus pés foram feitos para caminhar e não para ficar plantados num determinado lugar. A raiz é presa ao chão por um trato cruel: “se você quer se libertar, morre”. A missão faz da Igreja uma peregrina livre de qualquer amarra contextual, num caminhar cheios de imprevistos, aberto, desarmado na simplicidade e na pobreza, que convida continuamente descobrir Deus de novo no pobre e no outro.

O verbo “mittere”, origem da palavra “missão”, quer dizer também “libertar”, “deixar andar”, “soltar”: o envio tem tudo a ver com liberdade e libertação. O anúncio do Reino de Deus precisa “andar solto” pelo caminho. As estruturas muitas vezes prendem os missionários, funcionando

---

<sup>19</sup> Cf. DA 158; 167; 170; 188; 246; 272; 370.

<sup>20</sup> Cf. SUESS, Paulo. Migração, peregrinação e caminhada. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 238, p. 309, jun. 2000.

como gaiolas. As amarras institucionais não soltam a missão pelo mundo afora: há sempre uma “necessidade” que prende a Missão aqui, nas rédeas burocráticas e tribais da comunidade. De nada adianta uma Missão Continental se na Igreja não se terá uma certa liberdade de agir. Comblin afirma: “a evangelização supõe liberdade, essa liberdade que o Papa concedeu a São Francisco de Assis, e que Santo Inácio tinha que reconhecer a São Francisco Xavier”.<sup>21</sup>

### **“Abandonar as estruturas caducas” (DAp 365)**

A partir destas considerações, o apelo do DAp de “abandonar as estruturas caducas que já não favorecem a transmissão da fé”, talvez não se refira imediatamente a algo de exterior, mas a algo de profundamente interior na vida dos discípulos missionários (cf. DAp 366.368) como quase se tratasse de uma radical renovação espiritual, uma libertação das amarras culturais, sociais, ideológicas, psicológicas, afetivas. O DAp não diz claramente quais são estas amarras. Mas no que diz respeito à conversão missionária dos presbíteros, podemos até arriscar alguns palpites.

Primeiramente, em qualidade da excelência à qual é chamado como discípulo missionário de Jesus Cristo, o presbítero deve ser um homem capaz de estar na linha de frente, nos lugares onde a fé ainda não brotou e a Igreja ainda não se reuniu. O presbítero tem que aprender a viver e trabalhar fora da cumplicidade aconchegante de uma comunidade na qual ele encontra seus irmãos na fé, é reconhecido e valorizado como o “padre”, exerce uma autoridade aceita, é servido e procurado e sua tarefa é definida e apreciada. Desse ponto de vista ele terá que agüentar a solidão ou o isolamento que nasce dessa “alteridade”, às vezes profunda e hostil, por parte do ambiente que está ao seu redor.

É uma dimensão que interessa também o aspecto espiritual. O presbítero deverá sair da dependência em relação à sua comunidade, terá que converter sua espiritualidade encontrando referências e recursos em si mesmo, aprendendo a viver a partir da convicção de que seu povo são os “outros”, os de fora. Sua alegria e seu conforto residem no fato de estar próximo a eles no modo mais íntimo que for possível, em nome do Amigo comum, embora eles ainda não o reconheçam.

Mas isso não acontece sem um conteúdo doutrinal apropriado. Intelectualmente, portanto, há um enorme trabalho a ser realizado. Nossos presbíteros ainda são formados num horizonte teológico que, na sua orientação e na sua problemática, é aquela do mundo cristão. Tudo é pensado a partir da Igreja e para a Igreja, da qual procede um modo muito direcionado de ler a Escritura. Os presbíteros missionários precisam ter a coragem de apostar numa outra aproximação ao mistério, considerando o que se descobre indo em direção do “outro”, daqueles que estão do lado de fora.

Do ponto de vista cristológico, quem é concretamente Cristo para aqueles que o ignoram? De que maneira a obra da encarnação os envolve? Que salvação lhes oferece? E o que se refere à eclesiologia: é necessário compreender o que é a casa para aqueles de fora, qual é essa casa, o que deve ser para aqueles de fora? Que idéia de casa tem o presbítero missionário? Desta concepção vai depender a relação que ele estabelecerá com seus interlocutores e sua capacidade de entrar humildemente nas casas dos outros, como servidor e simples testemunha na tarefa comum a todos de construir a humanidade do Reino, sem conquista intempestiva, sem rigidez, sem exclusividade.

Um outro campo de conversão tem a ver com o próprio ministério ordenado. Nossos jovens sacerdotes são investidos fortemente da consciência de serem “padres”, quer dizer, homens da Palavra (sobretudo intra-ecclesial, pregação, ensino), de governo e dos sacramentos: “profetas,

---

<sup>21</sup> COMBLIN, José. O papel histórico de Aparecida. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 268, p. 885, out. 2007.

sacerdotes e pastores”. Isso constitui um fato tremendamente perigoso para um presbítero missionário em relação ao qual a comunidade cristã não é mais o campo principal de suas atividades, o centro da sua vida. Por isso é urgente retificar esta imagem de si. Não porque os *tria munera* que definem o presbiterado estejam errados, mas porque o presbítero missionário tem que vivê-los de acordo com uma outra lógica. Certamente ele deve ser profeta e *anunciador da Palavra*, mas para o mundo: uma pessoa que é sinal para o mundo (com a palavra e a ação), que decifra os sinais do Reino no mundo (com todos os que buscam a vida), que anuncia o Evangelho para que faça sentido para o mundo. Além disso, ele é *sacerdote*, certamente, mas o seu sacerdócio não é chamado a se expressar, em primeiro lugar, na administração dos sacramentos. A sua celebração da eucaristia, muitas vezes individual ou sem uma numerosa assembléia, será uma “missa no mundo”; sua aliança de vida com o povo de Deus “que está fora” será seu “culto espiritual”, uma “oferenda espiritual” de hóstias viventes. Ele é, certamente, *pastor*, mas suas “ovelhas ainda não estão no aprisco”: ele procura, chama, reconhece as ovelhas e as acolherá na medida do dom de Deus.

Em uma palavra, a conversão missionária é uma mudança muito radical, que deve atravessar modelos oferecidos e certo ensinamento recebido para poder preparar presbíteros missionários que sabem e têm consciência de ser para todos os povos e não apenas para o povo cristão. É bom lembrar que sempre mais, como presbíteros, seremos envolvidos numa atividade propriamente missionária, quase por inércia.

### **“Além de uma pastoral de mera conservação” (DAp 370)**

O significado das palavras do DAp de que “a conversão pastoral de nossas comunidade exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp 370), talvez encontrem seu sentido apropriado na conversão dos pastores, pois “o testemunho de comunhão eclesial e de santidade são uma urgência pastoral” (DAp 368).

Contudo, somos convidados a transformar não apenas as nossas pessoas, mas o nosso próprio agir. Aparecida faz um apelo para uma mudança de mentalidade em relação a um estilo projetual de fazer a missão: “o projeto pastoral da Diocese, caminho de pastoral orgânica, deve ser resposta consciente e eficaz para atender às exigência do mundo de hoje” (DAp 371). Praticamente, devemos passar do habito de apenas planejar a pastoral para o habito de ter uma mentalidade projetual, o que significa não apenas “bolar” um projeto, mas continuamente avaliá-lo, acompanhá-lo, modificá-lo: “Esse projeto diocesano exige acompanhamento constante por parte do bispo, dos sacerdotes e dos agentes pastorais, com atitude flexível que lhes permita manter-se atentos às exigências da realidade sempre mutável” (DAp 371).

A nota do DAp é extremamente indicativa: “não se trata só de estratégias para procurar êxitos pastorais mas da fidelidade na imitação do Mestre” (DAp 371). Ter um projeto missionário significa imitar Jesus, ser fiel a ele. Ele teve um projeto missionário? Sim, sem dúvida. O encontramos em Mateus 9,35-10,42. Ai podemos buscar linhas mestras para traçar nossos projetos e nosso caminhos.

Com efeito, ao enviar os doze para uma missão itinerante Jesus nos ensina a:

- enxergar a realidade do mundo e das pessoas com os olhos de Deus, rezando para que o Dono da messe envie operários (cf. Mt 9, 36-38);
- chamar pessoas *para* serem enviadas em missão em comunidade, por meio de uma organização participativa e descentralizada (cf. Mt 10,1-4);

- definir os objetivos em torno do anúncio essencial e de destinatários específicos: o que quer dizer para nós hoje que “o Reino de Deus está próximo” (Mt 10,7)? Quem são para nós “as ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10,5-6)?
- escolher caminhos de serviço à vida; linhas de ação de luta contra o mal; metodologias missionárias de ir ao encontro dos outros, tornando-se hospedes na casa deles; atitudes básicas diante das inevitáveis perseguições (cf. Mt 10,8-23);
- procurar os meios necessários para alcançar metas e objetivos, sabendo valorizar e capacitar ao máximo os recursos humanos (cf. Mt 10,31), mantendo simplicidade e agilidade com os recursos estruturais (cf. Mt 10,11), dando um testemunho de austeridade, essencialidade, criatividade e justiça através dos recursos financeiros (cf. Mt 10,8b-10).

Do estudo e da reflexão contextual sobre esses cinco elementos, procede depois a elaboração de nossos planejamentos e de nossos encaminhamentos. Mas, antes de mais nada, o projeto missionário quer definir um estilo de missão, uma maneira peculiar de Jesus em se aproximar da realidade, que descreve a maneira do próprio Deus Pai de amar o mundo concretamente.

## **EXTENSÃO:**

### **NOSSO COMPROMISSO COM A MISSÃO AD GENTES**

A Igreja se encontra hoje numa situação de diáspora diante da fragmentação e da multiculturalidade do mundo atual. A hegemonia das tradições religiosas em determinados territórios deixou lugar ao pluralismo possível, graças às encruzilhadas proporcionadas por tecnologias, mercados, mobilidades humanas e aglomerações urbanas. O catolicismo na América Latina perde porcentagens de supostos adeptos e assiste ao crescimento das igrejas pentecostais, assim como os ataques fundamentalistas contra cristãos no estado indiano de Orissa, parecem ter sido um claro sinal de crise do domínio sócio-cultural do hinduísmo no país.<sup>22</sup> Também no controverso e complexo mundo islâmico, se multiplicam sinais de abertura e de diálogo, e uma progressiva e significativa distância do integralismo terrorista.<sup>23</sup>

Nessa situação de efervescência, cidades e metrópoles substituíram aldeias em todos os continentes. Sabedorias populares e estruturas comunitárias deram lugar à autonomia e à liberdade das pessoas. A questão religiosa, no seu conjunto, se amplifica e se aprofunda diante dos desafios do mundo pós-moderno e globalizado (cf. DAp 37). Para a humanidade do século XXI, a religião torna-se sempre mais uma *commodity*, uma mercadoria para satisfazer as necessidades/desejos espirituais de sentido dos indivíduos, dispensando, porém, a adesão a uma comunidade e a afiliação a uma confissão.

“Dentro da pastoral urbana [da Igreja], desaparece também a imagem tradicional de toda pastoral: a ovelha a ser guiada. As novas palavras-chaves de sua evangelização se tornam em vez disso as seguintes: autonomia em vez de obediência, participação também nas estruturas de decisão, diálogo em vez de imposição, escutar em vez de ordenar, amor em vez de

<sup>22</sup> Cf. KANJAMALA, Augustine. Orissa: uccidere i cristiani per fermare sviluppo e dignità di tribali e Dalit. *Asianews*, Roma, n. 212, p. 25, ago-set. 2008.

<sup>23</sup> Temos sinais importantes que algo está mudando nas relações entre Islã e o cristianismo: a visita do rei Abdallah ao Papa Bento XVI em novembro de 2007; o encontro inter-confessional de Meca (4-6 de junho de 2008) e o encontro inter-religiosos de Madri (16-18 de julho de 2008) convocados pelo próprio monarca saudita; a abertura de diversas igrejas nos Emirados Árabes e no Kuwait; a defesa dos cristãos por parte das organizações muçulmanas moderadas da Indonésia; o interesse dos mídias do Oriente Médio sobre os cristãos no Iraque. Cf. CERVELLERA, Bernardo. Libertà religiosa: difesa dalla società civile; dimenticata dagli stati. *Asianews*, Roma, n. 214, p. 3, nov. 2008.

ameaça com sanções, serviço em vez de poder, co-responsabilidade em vez de obediência cega”.<sup>24</sup>

Numa realidade marcada por grandes e profundas mudanças, a Igreja procura encarar os desafios do mundo de hoje com uma atitude ambivalente: de um lado, positivamente, com confiança, atenção e escuta, discernindo os “sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (DAP 366); por outro, com apreensão, frente “à desordem generalizada que se propaga por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã” (DAP 10).

Nesse contexto a missão *ad gentes* amplia por inércia seu âmbito de ação.<sup>25</sup> Antigamente, na mentalidade da cristandade, coincidia com a missão *ad extra*, em territórios culturalmente não-cristãos. *Extensão* aqui rimava com *expansão* da Igreja. Hoje, parece impor-se como realidade em qualquer lugar, particularmente nos contextos de antiga tradição cristã.

Contudo, algumas distinções se tornam necessárias. Segundo a *Redemptoris Missio*, existem três diferentes situações missionárias: a *missão ad gentes*, propriamente dita, que se dirige a povos, grupos humanos, contextos sócio-culturais onde Cristo e seu Evangelho não são conhecidos; o *cuidado pastoral*, que se dirige às comunidades cristã já constituídas; e a *nova evangelização*, que tem como destinatários os cristãos culturais, batizados que perderam o sentido da fé e vivem uma vida distante da Igreja (cf. RMI 33).

Mesmo assim o próprio João Paulo II admite que os confins entre os três setores não são facilmente identificáveis, portanto, não “se deve pensar em criar entre esses âmbitos barreiras ou compartimentos estanques” (RMI 34). Isso quer dizer que uma Igreja local não pode perder de vista nenhuma das três situações básicas: “a atividade missionária *ad intra* é sinal de autenticidade e de estímulo para realizar a outra, *ad extra*, e vice-versa” (RMI 34). Ao mesmo tempo, precisa elaborar projetos missionários a partir de uma visão global e com uma tensão fecunda entre os vários aspectos, pena descuidar exatamente da “tarefa primeira da Igreja, a de ser enviada a *todos* os povos” (RMI 34). Esse *todos*, que corresponde de alguma forma ao nosso *ad gentes*, significa “ninguém excluído”: seu peso teológico precisa ser traduzido fielmente, continuamente e concretamente pela ação articulada de cada comunidade e pela prática cristã de cada discípulo missionário, particularmente do presbítero.

No DAP podemos identificar pelo menos cinco âmbitos de atuação missionária tendo como *leit motiv* a missão *ad gentes*. Esses âmbitos podem ser entendidos como círculos concêntricos em ordem à extensão da missão, e também como tarefas que se implicam uma com a outra.

## Missão aos corações

O primeiro âmbito é indicado por uma frase de Bento XVI citada no DAP 7.3:<sup>26</sup>

“O campo da Missão *ad gentes* se tem ampliado notavelmente e não é possível defini-lo baseando-se apenas em considerações geográficas ou jurídicas. Na verdade, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e

---

<sup>24</sup> BLANK, Renold J. *Ovelhas ou protagonistas?* A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21. São Paulo: Paulus, 2006, p. 26.

<sup>25</sup> Cf. o capítulo IV da *Redemptoris Missio*: “Os imensos horizontes da missão *ad gentes*” (RMI 31 – 40).

<sup>26</sup> Essa citação de DA 375, porém, não confere com: BENTO XVI. *Discurso aos membros do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias*, 5 de maio de 2007. In: [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2007/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20070505\\_pom\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070505_pom_po.html). Acesso em 1 de novembro de 2008.

das terras distantes, mas também os campos sócio-culturais, e sobretudo os corações” (DAp 375).

Aqui o campo da missão *ad gentes*, em seu novo paradigma na esteira de *Evangelii Nuntiandi* 19 e de *Redemptoris Missio* 37, é individuado segundo três critérios: a) o critério religioso (os não-cristãos); b) o contexto social; c) a dimensão cultural. Mas o que mais salta aos olhos é esse “... e sobretudo os corações”. A *missio ad gentes* se apresenta essencialmente como uma *missio ad cordia*: em primeiro lugar, vem a atenção, a aproximação e o cuidado para com a pessoa humana. A missão não é uma questão de coerção, mas de coração. As pessoas na sociedade pós-industrial vivem dentro de um sistema de coerções e de cobranças. Não agüentam mais. As pessoas precisam de humanidade. Aparecida aposta que o amor cristão “supera o amor humano e participa do amor divino, único eixo cultural capaz de construir uma cultura da vida” (DAp 550). Antes de ser uma verdade axiomática, isso precisa ser entendido como imperativo e perspectiva existencial para todos os cristãos, enquanto discípulos missionários pelo batismo.

Por isso que a missão não é primariamente uma questão de estruturas, de métodos e de estratégias, mas é uma questão de homens e mulheres novos: “não há novas estruturas se não há homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas” (DAp 538). O diálogo e o anúncio missionário, antes de mais nada, “precisa passar de pessoa a pessoa, de casa em casa, de comunidade a comunidade (...) procurando dialogar com todos em espírito de compreensão e de delicada caridade” (DAp 550). De coração a coração, objetivo da missão é converter os corações, fazendo com que todos se tornem discípulos missionários (cf. Mt 28,19). Isso significa praticar a Palavra e reconhecer-se como *irmãs e irmãos*, filhos do mesmo Pai, uns com os outros, próximos aos demais no mundo inteiro.

A experiência e a sensibilidade missionária de um Francisco de Assis é sabedoria pura a esse respeito. Leclerc a retrata assim num diálogo entre Francisco e Frei Tancredi:

“O Senhor nos enviou a evangelizar os povos. Mas você nunca refletiu o que significa isto? Evangelizar uma pessoa significa dizer-lhe: ‘Você também é amado por Deus em Cristo’. Não basta dizê-lo: precisamos estar convencidos. Não basta também estarmos convencidos: devemos agir com aquela pessoa de modo que ela perceba e descubra em si mesma algo que foi salvo, algo de mais grande e mais nobre que ela não tivesse pensado antes. Devemos, enfim, provocar nela o despertar de uma nova consciência de si mesma. Isso significa anunciar-lhe a Boa Nova. Contudo, não poderá obter este bom resultado se não oferecendo àquela pessoa a tua amizade: uma amizade real, desinteressada, sem complacência, toda alimentada de confiança e de estima recíproca”.

E continua:

“Nós devemos ir às pessoas. Isso não é fácil. O mundo humano é um imenso campo de batalha onde os homens combatem para se enriquecer e dominar. Demasiadas dores e atrocidades escondem aos seus olhos o rosto de Deus. Aproximando-nos a elas, devemos, sobretudo, evitar aparecer aos seus olhos como uma nova espécie de competidores. Nós devemos ser, no meio das pessoas, as testemunhas pacíficas do Todopoderoso, sem sombra de cobiça e de desprezo, capazes de tornarmos realmente seus melhores amigos. As pessoas aspiram à nossa amizade, uma amizade que as façam sentir de ser amadas por Deus e de ser salvas em Jesus Cristo”.<sup>27</sup>

Reconhecimento, amizade, diálogo, não-competitividade, não-proselitismo (cf. DAp 159): são dimensões fundamentais que tocam a essência da evangelização e a identidade do presbítero. A partir desse enfoque, podemos entender melhor o apelo de Aparecida em tornarmos amigos dos pobres:

---

<sup>27</sup> LECLERC, Éloi. *La sapienza di un povero*. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 1989, pp. 148 – 149.

Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres. Dia a dia os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam seus filhos na fé, vivem constante solidariedade entre parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja. À luz do Evangelho reconhecemos sua imensa dignidade e seu valor sagrado aos olhos de Cristo, pobre como eles e excluído como eles. A partir dessa experiência cristã, compartilharemos com eles a defesa de seus direitos (DAp 398)

## Comunidade missionária

O segundo âmbito da missão *ad gentes* que podemos identificar no DAp é a constituição da comunidade missionária:

“A Diocese, em todas as suas comunidades e estruturas, é chamada a ser ‘comunidade missionária’ (cf. ChL 32). Cada Diocese necessita fortalecer sua consciência missionária, saindo ao encontro dos que ainda não crêem em Cristo no espaço de seu próprio território e responder adequadamente aos grandes problemas da sociedade na qual está inserida. Mas também, com espírito materno, é chamada a sair em busca de todos os batizados que não participam na vida das comunidades cristãs” (DAp 168).

Trata-se de uma “firme decisão” que “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja” (DAp 365). Aqui, a consciência missionária é explicitamente *ad gentes* porque se caracteriza pela “saída ao encontro dos que ainda não crêem em Cristo”, e só como complemento a comunidade “é chamada a sair em busca de todos os batizados que não participam na vida das comunidades cristãs”.

Contudo, a delimitação do espaço em seu próprio território indica que essa missão permanece de caráter pastoral: é uma missão no curral, que se baseia numa relação pessoal, íntima, com seus destinatários. O Bom Pastor “chama”, as ovelhas “ouvem a sua voz”, ele as conhece pelo nome, as acompanha fora do redil, caminha à frente delas, corre atrás delas quando se perdem, dá a vida por elas e ao mesmo tempo tem uma preocupação quase maternal com outras ovelhas que “não são deste aprisco” (cf. Jo 10,1-18). A missão aqui é movida pela *caridade* pastoral.<sup>28</sup>

O sujeito dessa missão é a comunidade. Só uma Igreja articulada em torno do princípio da comunhão – e não da instituição –, da dimensão equitativa do Povo de Deus – e não da hierarquia –, poderá ser “sinal e instrumento de reconciliação e paz para nossos povos” (DAp 162). Mesmo numa perspectiva eclesiocêntrica, é interessante ver como Aparecida dedica um capítulo inteiro à comunhão dos discípulos missionários, frisando o papel missionário dessa comunhão: “a Igreja cresce, não por proselitismo mas ‘por ‘atração’: como Cristo ‘atrai tudo para si’ com a força do seu amor’ A Igreja ‘atrai’ quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como Ele nos amou (cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34)” (DAp 159).

Quanto às estruturas o discurso se torna mais sóbrio. A Igreja em Aparecida sente que está na hora de mudar, mas não sabe como e de onde começar. De um lado, almeja abandonar uma pastoral de conservação, para uma missão evangelizadora no meio do mundo. Por outro lado, reafirma hierarquicamente suas estruturas delegando a responsabilidade das mudanças a uma maior motivação e a um maior empenho de seus principais agentes. A principal estrutura a ser mudada é a própria mentalidade eclesiocêntrica.

---

<sup>28</sup> Cf. GIRARD, Marc. *A missão da Igreja na aurora do Novo Milênio*. Um caminho de discernimento centrado na Palavra de Deus. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 52-56

Pegamos, por exemplo, a renovação missionária das paróquias (cf. DAp 173). Isso mais parece uma *contraditio in terminis* que uma afirmação ou um desejo, pois as palavras “pastoral” e “missionária” indicam tensões diferentes e quase opostas. Uma indica preservação, “cuidado com os fieis”; a outra, abertura, envio ao diferente que não pertence ao rebanho cristão. Com efeito, a paróquia nunca foi propriamente missionária e nem nasceu para ser missionária.<sup>29</sup> Não é por acaso que em seus documentos principais, como a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes*, o Vaticano II nunca fala de paróquia. A doutrina conciliar não está interessada em falar da instituição, porque sabe que a instituição não pode se converter. Ao contrário, para indicar a Igreja visível, o Concílio usa a palavra “comunidade”. A comunidade é feita de pessoas e de relações. As pessoas têm coração, as estruturas não têm. E a missão, como dissemos pouco antes, é uma questão de coração.

A comunidade representa a grande proposta que a Igreja faz ao mundo com sua missão. O próprio Evangelho chama à vida em comunidade. A salvação não passa pela simples distribuição de sacramentos, mas na resposta a um chamado de discipulado missionário que se realiza numa intensa vida de fraternidade. Jamais essa fraternidade constituirá círculos fechados, como também não estará simplesmente aberta a acolher os outros que estão de fora. A proposta de Jesus é de uma fraternidade peregrina que se faz próxima a todos, conjugando a comunidade com a missão: comunhão na missão e missão em comunhão.

## Missão Continental

O terceiro âmbito da missão foi descrito como Missão Continental:

“Assumimos o compromisso de uma grande missão em todo o Continente, que de nós exigirá aprofundar e enriquecer todas as razões e motivações que permitam converter cada cristão em discípulo missionário. Necessitamos desenvolver a dimensão missionária da vida de Cristo. A Igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres do Continente. Necessitamos que cada comunidade cristã se transforme num poderoso centro de irradiação da vida em Cristo. Esperamos em novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança. Por isso é imperioso assegurar calorosos espaços de oração comunitária que alimentem o fogo de um ardor incontido e tornem possível um atraente testemunho de unidade ‘para que o mundo creia’ (Jo 17,21)” (DAp 362).

Na preparação da Conferência de Aparecida, esse âmbito dava mostras de que se tornaria o assunto mais importante do evento, o que não aconteceu. O projeto deveria assumir o que já foi chamado de “nova evangelização entre os cristãos culturais” (cf. RM 33, SD 24) e “reevangelização entre os não-praticantes” (RM 33, 37). Na Missão Continental, todo o continente “quer colocar-se em estado de missão” (DAp 213), porque “temos uma alta porcentagem de católicos sem consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com uma identidade cristã débil e vulnerável” (DAp 286). Nesse esforço, as comunidades cristãs podem ganhar de qualidade em sua vivência e testemunho missionário, sem porém alcançar as metas esperadas.

---

<sup>29</sup> “Impressiona ler esta consideração do teólogo Severino Dianich: ‘A estrutura paroquial sempre acolheu os crentes aos quais a fé já tinha sido transmitida e aos quais a paróquia devia garantir a catequese e os sacramentos. É paradoxal mas é verdadeiro, o fato de que ao longo de sua história a paróquia nunca esteve preocupada com o problema do acesso à fé dos não-cristãos. É verdadeiramente um paradoxo, mas é difícil desmenti-lo’”. ORLANDONI, Mons. Giuseppe. *Il volto missionário della parrocchia. Linee programmatiche per l'anno pastorale 2004-2005*. In: <http://www.diocesisenigallia.it/documentiword/IL%20VOLTO%20MISSIONARIO%20DELLA%20PARROCCHIA.doc>. Acesso em 15 de julho de 2007.

Com efeito, a *nova evangelização* encontra na figura do semeador uma sua possível metáfora. O lugar não é mais o redil do Bom Pastor. Agora o “campo é o mundo” (Mt 13,48), lugar aberto, de risco e de insegurança, onde o semeador sai para semear. Ele lança a semente em todo tipo de terreno, mas não é ele rega (cf. 1Cor 3,7) menos ainda aquele que faz crescer (cf. Mc 4,26-29). A ação do semeador é marcada por uma gratuidade radical: ele somente lança a Palavra de Deus, talvez pequena como semente de mostarda (cf. Mc 4,30-32) e não se preocupa nem de arrancar o joio (cf. Mt 13,29). Mas é animado por uma profunda *esperança* de que algo possa dar fruto.<sup>30</sup>

Contudo, a insistência sobre a *nova evangelização* durante todos os anos ‘90 produziu uma certa frustração. A perspectiva de reconquistar o “território perdido” pelo clima de pluralismo pós-moderno, estava de fato contaminada por uma leitura ideológica da realidade. Por trás de análises sobre a passagem de católicos latino-americanos para igrejas de outras denominações, estava uma idéia de sociedade e cultura cristã baseada num modelo histórico de cristandade que talvez nunca existiu, nem aqui nem em outro lugar.

Exatamente neste ponto parece haver uma novidade na perspectiva da Missão Continental: passar de uma *nova evangelização* realizada prevalentemente com eventos esporádicos (ex. missões populares, com a pretensão de trazer o povo para a Igreja), para uma Igreja em *estado permanente de missão*. Isso equivale a reconhecer o contexto de pluralismo no qual se encontra o mundo de hoje. Esse contexto não representa uma situação de nomadismo das pessoas. Nossas ovelhas não se sentem desgarradas e perdidas, fora do curral da cristandade. Alias, esse “estar fora” representa muitas vezes um estado de liberdade e de emancipação. Esse pluralismo é a própria “casa” dos nossos povos na América e no mundo, onde temos que entrar tirando as sandálias, para anunciar *permanentemente* o Evangelho e fazer discípulos missionários.

Mas o intuito da Missão Continental não deveria parar por aqui. Há também um outro aspecto importante a ser acrescentado: o da cooperação entre as igrejas. Com efeito, o projeto poderia tornar-se também uma ocasião para promover uma inter-ajuda entre igrejas latino-americanas, pelo menos como sinal e gesto comum. Cada Igreja local sentiria-se chamada a abraçar uma missão maior junto a outra Igreja no Continente. Aparecida resgata com vigor a perspectiva da Pátria Grande: “una e plural, a América Latina é a casa comum, a grande pátria de irmãos” (DAp 525). Essa “dignidade de nos reconhecer como família de latino-americanos e caribenhos implica uma experiência singular de proximidade, fraternidade e solidariedade” (DAp 525). Retomando as palavras de Bento XVI, em várias partes do DAp se diz que o Continente da esperança há de tornar-se o Continente do amor (cf. DAp 64; 128; 522; 537; 543). Tudo isso precisa se expressar urgentemente em termos de compromisso mútuo e de projetos missionários além-fronteiras, para não ficar apenas na base da confraternização e das boas intenções.

### **Missão *ad gentes***

Finalmente, o quarto âmbito indicado por Aparecida é a missão *ad gentes*. Como já acenamos anteriormente, o debate sobre a missão *ad gentes* intensificou-se muito nas últimas décadas, ao ponto que não é mais possível referir-se a ela somente em termos de territórios e de primeiríssima evangelização. Também o contexto social e a dimensão cultural sobressaem como âmbitos nos quais é preciso “chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesses, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida” (EN 19). Desafios como o mundo urbano, a juventude, os fenômenos sociais novos, as migrações, os aréopagos das comunicações, da cultura, da política, da economia, fazem parte do

---

<sup>30</sup> Cf. GIRARD, Marc, p. 56-63.

nosso cotidiano, estão debaixo dos nossos olhos e dizem respeito diretamente à missão *ad gentes* (cf. RMI 37).

Contudo, o DAp utiliza essa expressão na maneira mais clássica, identificando-a com a missão *ad extra*, chegando a indicar a amplitude que o termo adquiriu atualmente, mas sem ulteriores aprofundamentos (cf. 375). No entanto, os capítulos sucessivos da terceira parte do DAp, apontam para âmbitos genuínos de missão *ad gentes* numa perspectiva latino-americana, ou seja, a partir da opção pelos pobres, tendo como horizonte universal a promoção da vida e o Reino de Deus.

A missão *ad gentes* convoca hoje à Igreja na América Latina a um êxodo constante junto à humanidade, a uma *saída* da escravidão de tantas “situações desumanas” (DAp 358) e uma *travessia* para um outro mundo possível. Esse êxodo exige nossa conversão de cada dia para que aconteça uma ruptura, uma “contraposição à cultura dominante” (DAp 540), com gestos concretos (cf. DAp 397), com o dom da vida (cf. DAp 360) e com sinais que revelam a presença de Deus:

“a vivência pessoal e comunitária das bem-aventuranças, a evangelização dos pobres, o conhecimento e cumprimento da vontade do Pai, o martírio pela fé, o acesso de todos aos bens da criação, o perdão mútuo, sincero e fraterno, aceitando e respeitando a riqueza da pluralidade e a luta para não sucumbir à tentação e não ser escravos do mal” (DAp 383).

O estado de uma Igreja em situação de missão *ad gentes* pode ser associada à figura evangélica do pescador. O pescador não exerce sua profissão num curral pastoral. Ele está totalmente perdido em alto mar. Não tem também a mesma expectativa do agricultor em relação à semente que em algum lugar deverá oferecer seu fruto. A pesca depende do acaso, da sorte, e está sujeita a todo tipo de imprevistos e de riscos. É uma missão na qual a Igreja descobre sua verdadeira vocação em deixar-se conduzir somente pela Palavra. A missão *ad gentes* é uma atividade marcada pela pura fé.<sup>31</sup>

Para o DAp, as *gentes* destinatárias da missão são, em primeiro lugar, os pobres, enquanto carecem de reconhecimento por parte da sociedade com um todo. São os excluídos, “não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’” (DAp 65), povo de rua, migrantes, enfermos, dependentes químicos, presos (cf. DAp 8.6): pessoas que representam somente um “custo” e que, portanto, para a lógica neo-liberal, devem ser eliminados.

Também destinatária dessa missão é a família (cf. DAp 548), como “patrimônio da humanidade inteira”, núcleo da sociedade mundial, afetado por difíceis condições de vida que ameaçam diretamente sua existência (cf. DAp 432), junto a todos seus sujeitos (crianças, adolescente, jovens, idosos, mulheres, homens, mãe e pai de família). O DAp não esquece dos areópagos da cultura moderna global (cf. DAp X; RMI 37c): o mundo da educação, da comunicação, da política, da economia, da ciência e tecnologia, onde o Evangelho e a Igreja são vistos muitas vezes como estranhos e hostis. Enfim, um enfoque especial sobre a cidade, “onde surgem novos costumes e modelos de vida” (RMI 37b), e sobre os indígenas e afro-descendentes, com os quais a missão *ad gentes* tem uma dívida histórica.

Tudo isso representa para a Igreja da América Latina e Caribe uma missão *ad gentes* fora de sua casa e de seus quintais. Podemos dizer que ela está mergulhada nessa missão, e que, portanto, constitui para ela e seus presbíteros “uma atividade primária e essencial, jamais concluída” (RMI 31).

---

<sup>31</sup> Cf. GIRARD, Marc, p. 63-70.

## Missão universal

Se precisarmos distinguir, de uma certa forma, a missão *ad gentes* da missão *ad extra*, “além-fronteiras” (cf. *Puebla* 368), essa última então constitui um ulterior e indeclinável âmbito de atuação missionária:

“O mundo espera de nossa Igreja latino-americana e caribenha um compromisso mais significativo com a missão universal em todos os Continentes. Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir ‘à outra margem’, àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente” (DAP 375).

Longe de representar algo de ultrapassado e de necessariamente ligado a pretensões hegemônicas do cristianismo, essa visão aponta para uma fundamental dimensão universal da missão. O conceito é estreitamente ligado à missão *ad gentes* como “missão para a humanidade”,<sup>32</sup> mas é necessário distingui-lo para que não “se torne numa realidade diluída na missão global de todo o Povo de Deus, ficando desse modo descurada ou esquecida” (RMi 34). A missão *ad extra* lembra que a missão *ad gentes*, na sua radicalidade e especificidade, “se exerce em territórios e grupos humanos bem delimitados” (RMi 37a), e que um contexto culturalmente não-cristão representa um desafio bem mais complexo e de primária importância em relação a outros já marcados por uma tradição cristã. Surpreendentemente, porém, o DAP nunca fala explicitamente de África e de Ásia em termo de compromisso missionário.

Da mesma forma, em preparação à Conferência de Aparecida, a *Síntese dos aportes* recebidos das diversas igrejas locais do Continente individua grandes âmbitos da missão para “a construção do Reino em América Latina e Caribe”, mas nunca fala da missão *ad gentes* e da missão *ad extra*.<sup>33</sup> O apelo da Exortação Apostólica *Ecclesia in America* parece ter sido esquecido ou contrariado pela prática e pela reflexão missionária de nossas igrejas:

“O programa de uma nova evangelização no Continente, objetivo de muitos projetos pastorais, não pode limitar-se a revitalizar a fé dos crentes habituais, mas deve também procurar anunciar Cristo nos ambientes onde Ele é desconhecido. Além disso, as Igrejas particulares da América são chamadas a estender este ímpeto evangelizador para além das fronteiras do seu Continente. Não podem reservar só para elas as riquezas imensas do seu patrimônio cristão. Devem levá-lo ao mundo inteiro e comunicá-lo a quantos ainda o ignoram. Trata-se de muitos milhões de homens e mulheres que, sem a fé, padecem da mais grave das pobreza. Diante de tal pobreza, seria um erro deixar de promover a atividade evangelizadora fora do Continente com o pretexto de que ainda há muito para fazer na América, ou à espera de se chegar primeiro a uma situação, fundamentalmente utópica, de plena realização da Igreja na América” (EA 74).

Hoje essa perspectiva pode ser pensada também em termos de missão *inter gentes*, uma missão entre povos e continentes, entre igrejas locais e igreja universal, vivida no intercâmbio de dons entre comunidades solidárias. Essa visão corresponde ao espírito do Vaticano II porque

“leva em conta a situação do pluralismo religioso e da diáspora crescente da Igreja no mundo de hoje; enfatiza a responsabilidade da Igreja local para a missão; quebra o monopólio de uma Igreja que envia missionários e uma Igreja que os recebe; admite a reciprocidade e conversão mútua entre agentes e destinatários da missão e da Igreja em seis continentes e,

---

<sup>32</sup> O recente Congresso Americano Missionário (CAM 3 – Comla 8) adotou esse caminho para entender a missão *ad gentes*.

<sup>33</sup> Cf. RASCHIETTI, Stefano. Onde está a missão *ad gentes*? In: VV.AA. *Pelos caminhos da América*. Os desafios da Missão à luz das Conferências do Celam. São Paulo: Missões, 2007, p. 42-50.

por conseguinte, valoriza o diálogo intercultural e inter-religioso; sublinha a missão como uma atividade, não entre indivíduos, mas entre comunidades”.<sup>34</sup>

Vivemos num mundo globalizado – queiramos ou não queiramos – que nos impele para uma visão mundial dos desafios e das perspectivas para a humanidade (cf. DAp 406). Somos cidadãos mundiais que precisam cuidar do planeta-casa e da humanidade-família (cf. DAp 470 – 475). Hoje, o cristão é chamado, por vocação, mais do que qualquer outra pessoa, a ser universal, ou seja, uma pessoa que tem responsabilidade não só sobre si e sua comunidade, mas sobre o mundo inteiro através de suas opções, suas atitudes, sua consciência e seus compromissos. Numa época de globalização como a nossa, não é mais possível pensarmos em termos paroquiais, regionais, nacionais ou continentais: são pequenos demais. Se houver salvação, será uma salvação para a humanidade toda. Se houver paz, justiça, fraternidade, vida plena para todos a partir dos pobres, será em termos mundiais ou não será.

É preciso, portanto, nos educar a uma espiritualidade universal (cf. DAp 376). Muitas vezes no nosso ministério lembrar aos cristãos que eles são missionários pelo batismo e por sua própria vocação (cf. DAp 284 – 285; 377), mas não se recorda, com o mesmo ânimo, que são *universais*, “católicos”, e que têm compromissos com o mundo inteiro. Sem essa característica se desvirtua completamente o ser discípulo missionário. A paixão pelo mundo, própria da vocação cristã, se expressa no sentir e no vibrar profundamente pela humanidade inteira, e em ser capaz de realizar gestos simples, ousados e concretos de solidariedade e de partilha com os outros povos, até o envio de missionários e missionárias além-fronteiras. Em outras palavras, “pensar mundialmente e agir localmente”. Só assim nos tornaremos um sinal profético de uma nova humanidade mundial, fraterna e multicultural.

## CONCLUSÃO

Todos esses âmbitos da única missão da Igreja são constitutivos para definir a identidade e a missão dos presbíteros, que estão ainda muito presas ao imaginário pastoral.

O *Diretório dos Presbíteros* diz claramente que o ministério do presbítero é essencialmente pastoral<sup>35</sup>, e é “o único, depois do Bispo, ao qual, em virtude do ministério sacerdotal recebido mediante a ordenação, se pode atribuir dum modo próprio unívoco o termo ‘pastor’. Com efeito, a qualificação de ‘pastoral’ refere-se quer à ‘potestas docendi et santificandi’ quer à ‘potestas regendi’”.<sup>36</sup>

Por outro lado, a *Presbyterorum Ordinis* afirma que “os presbíteros, como cooperadores dos Bispos, têm, como primeiro dever, anunciar a todos o Evangelho de Deus, para que, realizando o mandato do Senhor: ‘Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todas as criaturas’ (Mc 16,15), constituam e aumentem o Povo de Deus” (PO 4).

A pastoral, portanto, descreve apenas uma parte – a menor talvez – de toda a missão da Igreja, e ao presbítero não é confiada apenas esta parte, mas *toda* a missão. A missão *ad gentes* constitui o seu “primeiro dever”. O próprio *Diretório dos Presbíteros* pondera que “o sacerdote pertence ‘in modo imediato’ da Igreja universal que tem a ‘missão’ de anunciar a Boa Nova até ‘aos confins da terra’”.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

<sup>35</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*, n. 16.

<sup>36</sup> *Ibid.*, n. 19.

<sup>37</sup> *Ibid.*, n. 14.

A missão *ad gentes* lembra globalmente à Igreja da América Latina sua situação de diáspora no mundo atual e, especificamente, as situações *outras* onde ela não está presente com o anúncio do Evangelho, aqui e no mundo inteiro. O apelo é sempre essencial: Jesus e seu Evangelho é salvação, vida e felicidade para todos. A Igreja, com seus presbíteros e toda sua ministerialidade, é chamada a ser esse Evangelho no meio dos povos, próxima a todas as realidades humanas e, ao mesmo tempo, transcendendo todas elas. Deus convida o ser humano a se converter para ser “sempre mais”: sempre mais humano, sempre mais sensível, sempre mais misericordioso. Esse “sempre mais” corresponde a um contínuo ir além de todas as fronteiras. Enquanto o ser humano é sensível ao que lhe está mais próximo, Deus é compassivo também com aquele que lhe está menos próximo. Ou, como diria o Eclesiástico: “a compaixão de uma pessoa se volta para seu próximo; a misericórdia de Deus, porém, para todo ser vivo” (Eclo 18,12). O que qualifica a comunidade cristã é, definitivamente, a vivência dessa misericórdia sem limites “para todo ser vivo”. Isso torna os discípulos missionários “perfeitos como é perfeito o Pai que está no céu” (Mt 5,48).

Esse último aspecto deveria caracterizar, de maneira peculiar, o ser discípulo missionário como presbítero. É o modo mais fundamental, radical e primário de ser discípulo missionário. A missão *ad gentes* representa uma dimensão privilegiada de exercício do ministério do presbítero. Sua identidade encontra nessa missão uma modalidade de atuação típica e específica. Por sua vez ela confere à própria missão qualidade e espessura: o presbítero é chamado a ser um *alter Christus*, um ícone de Cristo, um prolongamento sacramental de Jesus. Sem dúvida, essa concepção sacramental da missão encontra em toda a Igreja a sua atuação. Contudo, no presbítero tem concretamente e visivelmente o seu “ministro” por excelência.